Fogos Fátuos

Marcos Batista Schuh
Mestrando em História – UFSC, bolsista CAPES

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001.

Corpos? Almas? Corpo e alma? Corpos sem alma? Corpos grandes e lentos? Corpos pequenos e velozes? Corpos que relacionam? Corpos que não se relacionam? Talvez tudo isso... Talvez nada disso... talvez apenas passagens, lugares de encontros e desencontros, lugares de conversar, trocar idéias, produzir conversações. Podem tanto ser os círculos infernais dantescos, como podem ser as doces faces de Beatriz no trono celestial. Corpos de passagem. Uma caminhada pausada, passageira, sem Virgílio, pelos círculos de corpos.

Mas são idéias esparsas. Sinceramente não ultrapassam e nem eu teria razões para desejar que ultrapassassem a linha das idéias esparsas, fugidias. As minhas é claro. Palavras sem gatilho, sem projétil, sem alvo, sem percurso. Mas palavras.

Quisera por vezes não ter aceito resenhar (ou como quer que se chame isto que estou fazendo), estes ensaios, escritos sem compromisso, mas nem por isso menos densos, menos sérios. Intensidades momentâneas ou momentos intensos .... Mas ler os ensaios alojou em mim estranhezas, algo como um incômodo de pensar nosso "em torno". Assim, peço perdão pelo atrevimento, mas se acaso achar necessária punição para tal ato, asseguro-lhe, caro leitor, que a pagarei no dia do juízo.

Sinal fechado ou estatuto de humanidade

Não. Não é mais a tranqüila vida das casas caiadas, de pátios, jardins e pomares. Não é mais tempo de guerrilhas de laranjas caídas das árvores. Não é mais tempo de recolher as folhas secas do pátio e espalhá-las na horta, para "virem-a-ser" adubo. Naqueles tempos, em que era possível acompanhar as estações do ano, Antônio personificaria tragédias se assim lhe fosse permitido. Mas hoje, seus tempos são mais curtos. Não apetece ficar horas a pensar tramas e enredos. O gosto pelos dez minutos. Coisas que vêm ágeis, habitam, e se consomem tão rápido, vieram. Mesmo assim inventa tróias e babilônias a cada olhar recolhido por aí. Olhares rápidos que se dissipam assim que se desviam, outros que laceram a pele e deixam sua marca.

Ontem pensou um quadro pintado com vermelho, verde, azul e amarelo. Apesar das cores formarem uma bela composição, não conseguiu apreendê-las separadas, independentes, muito menos vislumbrá-las como conjunto. Nenhuma se sobrepondo a outra, nenhum destaque, nenhuma harmonia. Seu pensamento se dissipou ao toque do telefone, automaticamente estendeu o braço e atendeu. Era engano. A ligação, não o quadro.

Queria nove horas de ontem para resolver as vinte quatro horas de problemas amanhã. Se o trânsito estiver como hoje, serão horas de contenção. Mas se não precisa haver céu para que haja inferno, o contrário também deve ser válido. Talvez as dualidades não sejam mais necessárias. Talvez as horas possam ser destituídas e, com elas, o gosto pelos dez minutos.

Confortavelmente instalado na poltrona do avião, lembra da infância. Quando passava um avião, ele e seus amigos gritavam a plenos pulmões "– Avião me leva junto!!" "– Avião me leva junto!!" Como se aquele estranho ser barulhento fosse dotado de vida e ouvidos, ou então, que as pessoas que nele "habitavam" não pertencessem mais a este mundo e pudessem ouvir os gritos rompendo a distância, parar o avião em qualquer lugar e carregá-los para além da gravidade que os prendia a terra. O outro mundo... Olha insistentemente o relógio para se certificar que não chegará atrasado

para a reunião. Carrinhos de rolamentos, bicicletas, trens, Ford, Vinte e nove, metrô, conversível, duzentos e cinqüenta quilômetros por hora, monomotores, aviões a jato, carroças, charretes, reunião, compromisso, hora marcada. Seu primeiro relógio, uma festa, adultos usam relógios, "já sou adulto". Quisera não ter conhecido o relógio, nem aprendido a "ver as horas"... Reuniões de negócios, almoços de negócios, jantares de negócios, debitar aluguel, telefone, luz, água...

Obstáculos devem ser removidos, corpos tornados leves e ágeis, composição e decomposição de átomos. Sinais de trânsito. Tráfego intenso. Biotecnologia. Cibernética. Física Quântica. Pontes, viadutos, túneis, aterros, códigos genéticos, realidade virtual.

Máquinas que funcionam como extensões do próprio corpo que, apesar da Engenharia Civil se desdobrar para aniquilar obstáculos, causam desconfortos pelo fato de, muitas vezes, acionados, não poderem ser levados a atingir seu pleno funcionamento pois há sempre mais e novos percalços que se interpoem.

Outro dia, Antônio encontrou no sinal vermelho de uma rua qualquer, um amigo que há muito não via. Quase não o reconheceu, pois estava gordo e macilento. Mais velho. Foi atacado de súbito frêmito de conversar, de falar de coisas banais, mas o sinal estava quase abrindo e só deu tempo de pegar o número do celular. Agora não lembra onde o anotou, o jeito é apelar para as salas de batepapo da Internet...

Confrangido, sente necessidade de momentos de silêncio e descanso. Não mais aqueles que se contrapoem ao barulho, ao estresse diário, à ligeireza de formas perceptíveis. Se sentir outro em meio ao torvelinho de passantes, num outro plano, em outras intensidades que não a simples reação aos estímulos sensoriais. Não uma busca pelo que foi ou deixou de ser. Não um retorno a uma ruralidade nostálgica, um regresso ou um resgate efêmero da cidade que conheceu, congelada em algum ponto do tempo passado. Mas uma nova lentidão, sem animosidade, sem necessidade de apreensão de gloriosas técnicas meditativas. Lentidão que não cruza, confronta e se contrapõe à velocidade enquanto seu duplo oposto. Mas uma lentidão só. Sozinha.

"– Desculpe-me se só te amei até segunda ordem, mas a vida me dotou de uma lucidez total e uma confusão absoluta".

Fim do primeiro ato.

Assepsia ou as nuvens lavadas com éter

Estetoscópios, estertorantes, fibroblastos, fibromiomas, pressurização, dez mil léguas ... entre nuvens, despressurização. Somos arrastados por torrentes de palavras, conceitos e idéias não pertencentes a nossa condição de reles mortais o que nos conduz a mundos hipotéticos. Mas ao mundo das palavras dizíveis e não dizíveis, compreensíveis ou não, sobrevivemos, o pior é quando são colocados em xeque questões de sentido, de sentimento, daquilo que nos é referência primordial. Quando o que nos cerca e relaciona se fragmenta e não nos é mais referencial, não nos tem nada a dizer, a dar de sentir, somos jogados para além da estratosfera e boiamos em espaços vazios, em grandes vácuos atemporais.

Grande vácuo. Foi isso que Carlos, irmão caçula de Antônio, pensou ao anoitecer, em sua cama de hospital. O horário de visitas já passara. Agora só daqui a quatro horas. Horas, como parece que não passam em um leito de hospital. Mas ainda estava vivo, ainda existia a possibilidade de tempo para mais. Seus pensamentos foram interrompidos com a entrada da enfermeira, estava na hora de trocar o soro. Não era mais o mesmo soro, o tubo era diferente. Como se fosse a coisa mais natural possível, a enfermeira pendurou o frasco, pegou uma seringa e injetou um líquido avermelhado que, ao se misturar ao branco do soro, tomou a cor entre o salmão e o rosa ... não entendeu a explicação que a enfermeira tentou lhe dar sobre as reações que aquele aparente indefeso líquido poderia provocar em seu organismo.

Antônio estava preocupado com seu irmão, quisera poder ter mais informações sobre seu real estado clínico, mas não conseguia falar com o médico e as explicações ralas das enfermeiras e atendentes não o satisfaziam. E quando procurava informações mais precisas, era encaminhado de setor em setor dentro do hospital. Não havia como juntar tantos fragmentos de informação. Hoje provavelmen-

te o médico passará no quarto de seu irmão no horário de visitas. Antes dele sair, o chamará para conversar, nem que seja no corredor.

Conversar com seu irmão, no horário de visitas, ele deitado na cama, o coração comprimindo no peito, um sentimento de que aquela não é uma "condição normal" de vida, mas ambos tentam, pelo menos nas poucas horas de visitas, demonstrar uma normalidade, como se estivessem em um dos cômodos de casa, mas os tubos, equipamentos, o branco, o cheiro de éter e outros medicamentos não podem ser ignorados e uma pontinha de lágrima no canto do olho ou uma falseada na voz são inevitáveis, principalmente quando se aproxima o fim do horário de visitas. Ambos aguardam a voz, algo irreal que sai do alto-falante, anunciando que as visitas devem se retirar ... o desejo de que demore mais um pouco, produz uma angústia de esperar.

O movimento das pessoas na sala de espera, arrancou Antônio desses pensamentos. Antes de se encaminhar para o quarto do irmão, aproveitou para comprar algumas coisas para ele, na loja de conveniências do hospital.

Enfermeiras, comissários de bordo, enfermeiros, aeromoças, médicos, pilotos, às vezes o branco do hospital parecem nuvens, ou, as nuvens lembram hospitais. – Atenção senhores passageiros do vôo 1-7-9-3 para Amsterdã, dirijam-se ao portão B, plataforma 7. – Atenção, informamos que encerrou o horário de visitas. Visitantes, por favor dirijam-se à saída. Lembrem-se que o repouso dos pacientes é necessário para uma melhor recuperação.

Remédios entre salmão e rosa provocam sono e estranhos sonhos. *Meus coelhos brancos fugiram de minha cartola e a minha ajudante já está velha. Não tem mais as pernas lisinhas, apesar de repuxá-las com grossas meias elásticas para disfarçar a flacidez. Espartilhos, sutiã com enchimento cinta elástica. Muito pó-de-arroz, rouge e baton. Mas não engana mais ninguém, nem a platéia mais distante. Penso em quantos sonhos devem ter morrido com aquele corpo. Ou em quantas desilusões vêm escritas em meio àquelas rugas mal disfarçadas... Se ela tivesse dinheiro, poderia fazer plásticas... alguém poderia amá-la se ela fosse mais aerodinâmica. Antônio já deveria Ter chegado... Antônio já deveria ter chegado... Antônio já deveria ter chegado...*

– Antônio! Faz tempo que você está aí? Por que não me acordou...

– Não quis te incomodar, você parecia estar sonhando...

– Eu quero ir para casa...

Cometer suicídio em migalhas diárias talvez possa tornar a morte última menos apavorante ... talvez não ...

Fim do segundo ato.

"A vida é a arte do encontro"[1] ou pequenas coisas para lugares comuns

Às vezes Antônio se pergunta o que fazer quando, ao ler determinados livros, alguma coisa dentro de si rebenta e coisas que até então eram importantes se tornam insignificantes, coisas até então insignificantes, tomam proporções gigantescas como monstros prestes a nos devorar, outras ainda permanecem perenemente inalteradas. A sensação de que algo deixou de existir para dar lugar a um outro, mas deixando pregada nele a sua sombra. Se ontem lhe perguntassem porque lê livros, não saberia responder, se lhe perguntassem agora, diria que é para encontrar pessoas. Mesmo que por momentos rápidos, fugidios, encontros que valham esforços de sentar e conversar sensos não comuns. Não que os comuns não sejam também necessários. Conversas para dividir fardos demasiado pesados para corpos enxutos, exaustos. Sentir-se presente, envolto de acasos e ocasos. Ser atravessado, transpassado, rasgar o olhar alheio, se sentir lacerado de sentidos atentos. Sem a lentidão como oposto da velocidade, o momento, o fugidio tomam maiores proporções. É como se posicionar na densidade do espaço e tempo mas igualmente fora dela.

São questões que se dobram e desdobram numa constante diante de seus olhos e que muitas vezes não é capaz de surpreender. Pois acredita piamente que se trate sim de uma questão de surpresa. De surpreender a Fênix no exato instante de sua morte e de seu ressurgir, nesta fulguração de cores, nessa flutuação de dança entre o velho e o novo, este ainda não pensado, ainda não visto, ainda não sentido, esses seus outros. Se pudesse fazer isso, quem sabe conse-

guiria voltar a sentir paixão ao invés de compaixão, mas uma paixão violenta de corpos que se encontram provocando um estrondo no cosmos, essa paixão que traz a emergência das coisas, do incendiar e ser incendiado, pelo menos assim seria possível a liberação da condenação lançada por Sócrates em *Lísis* "[...] por um deus, foi-me dada esta espécie de privilégio: reconhecer imediatamente, à primeira vista, *quem é o amante e quem é o amado*[2]" colocando sempre um em estado de submissão ao outro. Enquanto um é movimento, o outro é inércia. Os duplos, sempre os duplos. Enquanto um provoca a ação o outro apenas a sofre.

Outro dia ouvindo rádio, um comercial lhe chamou especial atenção "você acha que seu corpo não tem problemas? Acha que está tudo funcionando perfeitamente bem? Cuidado!!! Você pode estar com hipertensão... assista nesta Sexta a palestra com o Dr. Fulano e saiba como se prevenir contra este mal".

Carla virá da Argentina para tentar a vida cá no Brasil, como se a situação econômica aqui estivesse muito diferente. Engraçado isso, ela sempre preferiu permanecer morando na Argentina, apesar de passar longas temporadas de férias aqui.

Praias, lojas, badulaques, bares, matas, águas termais, hotéis fazenda, mas Carla sabia que a qualquer momento poderia voltar para sua casa, seu bairro, suas pontes, seus lugares. Espera que a vida aqui lhe seja igualmente favorável. Antônio sorri ao lembrar que já haviam partilhado tantos planos, pensado tantos filhos, desarrumado tantos quartos. Partilha de tantas coisas e de forma tão intensa, que quando terminou ambos tiveram a certeza de que valera a densidade.

Antônio costuma despertar com a televisão, programada para tal. Acorda vendo os "caçadores de tragédias" mostrando acidentes e cataclismos em tempo real. O espetáculo da desgraça alheia, gigantescas arenas do circo romano. Espetáculos oferecidos sem pão. Relações banalizadas e levadas ao ridículo, o esfacelamento de espaços antes densos e privados.

Se Poe e Dostioievski, cada um a seu modo, já denunciavam a dissolução do humano, do homem só, sozinho, em meio à multidão no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, imagine o que diriam da geração que considera Blade Runner um

filme de ficção velho e antiquado. Mas não precisamos cometer homicídios como Raskolnikov para nos sentirmos vivos e impressos de sentimentos. Basta inventar lugares de encontro e pretextos de conversa. Se com isso não podemos impedir a transitoriedade, quem sabe possamos torná-la mais lenta.

Fim do terceiro ato.

Palavreado final

Não sei se consegui dizer aquilo que eu queria, também não sei se dizer isto diminuiu minha sensação de estranheza. Posso ter desvirtuado as estranhezas que a autora quis produzir com a publicação desses ensaios, como posso, apenas, ter dito de outra forma, mais confusa talvez, algumas das coisas que ela diz, por isso minha autoflagelação não está fora de cogitação.

Em meu caso, em relação a *Corpos de passagem*, se tivesse que escrever algo, com certeza escreveria um algo como este texto, mas como não tenho essa obrigação, sugiro a você caro leitor, que, antes de produzir um juízo sobre esta ousadia, leia o livro de Denise Sant'anna e pense seus próprios conversares.

Desejo, sinceramente, que com a leitura dos ensaios, consigas sentar com teus pares ou próximos e transformar *Corpos de Passagem* em "lugares de encontro".

Quem sabe não seja necessário decifrar o enigma da esfinge para sobreviver aos seus dentes.

Fim do último ato e início de uma resenha.

Notas

1. Vinícius de Moraes, poeta e diplomata, 1913-1980.
2. PLATÃO. **Lísis**. Brasília: UnB, 1995, (grifo meu).